

PARTICIPAÇÃO NO PROJETO BOLSA ALFABETIZAÇÃO: A POSSIBILIDADE DE ARTICULAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

*Marli Amélia Lucas Pereira*¹

*Marli Eliza Dalmazo Afonso de André*²

*Marisa Garcia*³

RESUMO

A presente pesquisa, recorte da tese de doutorado da primeira autora, objetivou identificar os saberes necessários para atender às demandas da participação no Projeto Bolsa Alfabetização de professoras regentes (da escola), professoras orientadoras (da universidade) e alunas pesquisadoras (estudantes do curso de Pedagogia). A abordagem da pesquisa foi qualitativa e teve o grupo de discussão e a entrevista semi-estruturada como procedimentos de coleta de dados. Compreende-se, por tudo o que foi ouvido dos participantes desta pesquisa, que o Projeto Bolsa Alfabetização corrobora com a ideia de formação docente

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Doutora no programa Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Atualmente é Coordenadora do Curso de Pedagogia e do NEPC – Núcleo de Educação, Psicologia e Comunicação na FAAT – Faculdades Atibaia e Professora substituta no IFSP campus São Paulo. Integrante do grupo de pesquisa Processos Psicossociais na Formação do Professor, da PUC-SP.

² Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo (1966) e em Pedagogia pela Universidade Santa Úrsula (1973). Concluiu o mestrado em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1976) e o doutorado em Psicologia da Educação - na University of Illinois em Urbana-Champaign (USA) em 1978. É professora titular aposentada da Faculdade de Educação da USP e desde 2000 faz parte do programa de estudos pós-graduados em educação: psicologia da educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desenvolve estudos nas áreas de formação de professores e de metodologia da pesquisa em educação.

³ Doutora no programa Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Coordenadora do projeto Bolsa Alfabetização do estado de São Paulo, professora no Instituto Vera Cruz.

no que se refere à defesa de uma formação profissional voltada para o contexto escolar, numa perspectiva de trabalho colaborativo. Pode-se dizer que o Projeto Bolsa Alfabetização é valorizado pelos participantes desta pesquisa, visto que os depoimentos são positivos em sua maioria e possibilita a articulação entre a universidade e a escola na formação inicial do professor.

PALAVRAS-CHAVE

Projeto Bolsa Alfabetização; Articulação universidade e escola; Saberes.

ABSTRACT

This research, slice of doctorate thesis of the first author, aims to identify necessary knowledge to accomplish demands for participation in the Literacy Scholarship Project of head teachers (from schools), supervising professors (from universities) and researching students (students from the pedagogy course). The approach for this research was qualitative and procedures for data collection were semi-structured discussing group and interview. It was understood, from everything heard from the participants, that the Literacy Scholarship Project agrees with the idea of teachers' formation relative to the defense of professional formation addressed to scholar context, under a collaborative work perspective. It can be stated that the Literacy Scholarship Project is valued by participants of this research, as the opinions are mostly positive, therefore, making articulation between university and school possible in the initial formation of the teacher.

KEY WORDS

Literacy Scholarship Project; University school articulation; knowledge.

INTRODUÇÃO

Ao estabelecer a relação entre universidade e escola na formação inicial do professor, cria-se a possibilidade de que os li-

cenciandos aprendam a docência no futuro ambiente de trabalho, em colaboração com o professor. Pode-se entender o processo de aprender a ensinar fazendo uma analogia com o movimento de um rio, “[...] no qual vão confluindo experiências, conhecimentos, situações, que se produzem em diferentes – e igualmente válidos – contextos, que conduzem à geração de um profissional cuja principal característica é que ele aprende ao longo da vida” (VAILLANT e MARCELO, 2012, p. 94).

Nóvoa (2009), ao tratar do desenvolvimento profissional de professores, afirma que há certo consenso nas discussões que dizem respeito a assegurar a aprendizagem docente, da necessidade de levar em consideração a articulação da formação inicial e formação em serviço, numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. É preciso também atenção aos primeiros anos do exercício profissional e à inserção dos jovens professores nas escolas.

Para que isso ocorra, Vaillant e Marcelo (2012) explicam que é necessário existir um contexto de colaboração que possa ser realizada entre instituições. Para os autores, “[...] a proposta a favor da colaboração entre a instituição de formação e os centros educativos baseia-se na ideia de que estes últimos devem assumir uma nova responsabilidade: o planejamento da formação inicial, denominada de formação inicial centrada na escola” (p. 96).

A articulação entre escola e universidade, estabelecida no Projeto Bolsa Alfabetização, pode fazer emergir questões relativas à inserção do futuro professor na escola. Como, por exemplo, reorganizar o estágio curricular obrigatório, na tentativa de inserir o futuro professor no fazer diário da sala de aula? Como olhar para as disciplinas que compõem a estrutura curricular do curso de Pedagogia de forma a viabilizar uma parceria efetiva com a escola? Como superar as dificuldades de tempo que os estudantes que frequentam o ensino particular noturno apresentam?

Tantas questões reafirmam a necessidade de conhecer programas que vêm sendo desenvolvidos no sentido de estreitar a

relação entre o campo de formação acadêmico e de exercício profissional, em especial, tentar conhecer o ponto de vista dos participantes sobre a efetividade dos programas.

Com relação aos alunos em formação, quais motivos e saberes são considerados como necessários na relação entre formação inicial e prática pedagógica? No que se refere ao professor da escola, como ele avalia sua participação no Projeto e quais são os saberes considerados importantes na sua relação com o aluno licenciando, no dia a dia da sala de aula? Ao levar em conta os professores orientadores do Projeto Bolsa Alfabetização, quais são os motivos para participar, como avaliam sua participação e quais saberes podem ser considerados necessários para atuarem como orientadores?

Partindo do pressuposto de que o Projeto Bolsa Alfabetização busca a articulação entre universidade e escola e de que há saberes específicos para atender às demandas requeridas pelo Projeto, a presente pesquisa objetivou identificar os saberes necessários para atender às demandas da participação no Projeto Bolsa Alfabetização de professoras regentes (da escola), professoras orientadoras (da universidade) e alunas pesquisadoras (estudantes do curso de Pedagogia)⁴.

O Projeto Bolsa Escola Pública e Universidade na Alfabetização – Projeto Bolsa Alfabetização

Tem-se, no estado de São Paulo, uma iniciativa para promover um diálogo entre Instituições de Ensino Superior e escola, o Projeto Escola Pública e Universidade na Alfabetização, conhecido como Projeto Bolsa Alfabetização, criado pelo Decreto nº. 51.627, de 1º de março de 2007, introduzindo, em caráter de colaboração, a participação de alunos das Instituições de Ensino

⁴ As participantes desta pesquisa serão referenciadas nos depoimentos como: AP para alunas pesquisadoras, PR para as professoras regentes e PO para as professoras orientadoras.

Superior na prática pedagógica de sala de aula, junto aos professores das séries iniciais do ensino fundamental, da rede pública estadual do estado de São Paulo.

O Projeto Bolsa Alfabetização foi estruturado com o propósito de discutir, junto às instituições formadoras, problemas relacionados à didática de alfabetização, de modo que se constituam conteúdos da formação inicial dos professores. Esse Projeto procura manter um diálogo permanente dos professores orientadores com os alunos pesquisadores das IES que dele participam. Portanto, além de atuar efetivamente na melhoria das condições de alfabetização oferecidas às crianças do ensino público estadual do estado de São Paulo, o Projeto contribui para a formação de futuros professores para as séries iniciais do Ensino Fundamental.

O Projeto prevê em seu Regulamento (São Paulo, Regulamento, 2012) uma ponte importante entre o ambiente acadêmico e a prática em sala de aula. Explicita as atribuições do aluno pesquisador, das IES, do professor orientador que é formador na IES, da Secretaria de Estado de Educação, da Fundação para o Desenvolvimento de Educação (FDE), das Diretorias Regionais de Ensino, das unidades escolares, do coordenador pedagógico da unidade escolar e do professor regente.

As atribuições das IES previstas no Regulamento referem-se à celebração do convênio entre elas e a FDE, por meio do cumprimento da entrega de documentos sempre que solicitados pela FDE.

No que se refere às atribuições da escola, temos que “[...] as escolas são os órgãos responsáveis pela execução do Projeto Bolsa Escola Pública e Universidade na Alfabetização, e isso se dá pela atuação dos professores coordenadores de 1º ao 5º ano e professores regentes de 2º ano, sob a orientação e acompanhamento do diretor [...]” (SÃO PAULO, REGULAMENTO, 2012, p. 13).

O coordenador pedagógico – e, em sua ausência, o diretor da escola – tem como atribuições previstas no Regulamento (SÃO PAULO, 2014): acolher e receber o aluno pesquisador

na escola; planejar em conjunto com o professor regente; orientar a atuação do aluno pesquisador na sala de aula; mediar relações; incentivar a participação do aluno pesquisador nas ATPCs (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo); e digitar a frequência do aluno pesquisador no site do Projeto Bolsa Alfabetização.

O professor regente deve, como previsto no Regulamento (SÃO PAULO, 2012): receber o aluno pesquisador; compartilhar seu planejamento; propor ao aluno pesquisador a elaboração e execução de atividades para os alunos na sala de aula; envolver o aluno pesquisador na sondagem (avaliação periódica); auxiliar e contribuir na consolidação da conduta profissional do aluno pesquisador.

O aluno pesquisador deve: conhecer documentos que regem a unidade escolar; conhecer o planejamento do professor regente; cumprir 20 horas semanais na escola, sendo 18 horas na sala de aula e 2 horas em ATPCs; auxiliar o professor regente, planejando e executando, sempre em parceria, atividades pedagógicas; participar de todos os encontros formativos semanais desenvolvidos pela IES; registrar as atividades realizadas na sala de aula; apresentar e discutir com seu professor orientador os apontamentos registrados da sua participação na sala de aula, em parceria com o professor regente. Esses registros referem-se à investigação didática que o aluno realiza ao longo do ano letivo.

Por fim, o professor orientador tem como atribuições: selecionar os candidatos a aluno pesquisador; fornecer aos alunos pesquisadores todas as informações necessárias para a entrada no Projeto; planejar ações tendo em vista a investigação didática que os alunos pesquisadores irão desenvolver ao longo de sua estada na sala de aula; promover encontros formativos semanais; participar dos encontros promovidos mensalmente pela FDE; elaborar relatório sobre a atuação dos alunos pesquisadores; validar mensalmente a frequência dos alunos no site do Projeto Bolsa Alfabetização.

Quando se leva em conta as atribuições do aluno pesquisador, do professor regente e do professor orientador, previstas no Regulamento do Projeto, entende-se que esses profissionais necessitam atuar em sintonia. As relações que serão estabelecidas por conta da parceria entre Instituição de Ensino Superior (por parte do aluno pesquisador e do professor orientador) e escola pública (por parte principalmente do professor regente) deverão levar em consideração conhecimentos e saberes que são explicitados no Regulamento como importantes para que o aluno do 2º ano do ensino fundamental tenha sucesso no processo de alfabetização.

Esses saberes, veiculados no Regulamento do Projeto, referem-se: ao funcionamento da rede pública, principalmente na compreensão do conceito de sondagem e análise dos mapas de acompanhamento da alfabetização; aos conhecimentos linguísticos, tais como conceito de gênero do discurso e seu papel na definição dos objetos de estudo da leitura e da escrita, usos e funções da língua portuguesa e conhecimentos sobre a linguagem que se escreve; aos conhecimentos psicolinguísticos que envolvem a compreensão de concepções de aprendizagem, metodologias de ensino, a construção da escrita pelas crianças, hipóteses de escrita e sua evolução, segundo a Psicogênese da Língua Escrita e pesquisas correlatas; conhecimentos didáticos, levando em consideração o ambiente alfabetizador, o planejamento e as intervenções didáticas.

As iniciativas promovidas pelo Projeto Bolsa Alfabetização apoiam-se na intenção da melhoria da formação inicial do professor, por meio de um conjunto de fatores combinados como a interação entre a coordenação do Projeto Bolsa Alfabetização, as IES e a escola.

Os Saberes Docentes na Perspectiva de Tardif

Tardif faz uma análise da natureza dos saberes que são mobilizados e utilizados pelos professores no seu dia a dia da escola e da sala de aula. Propõe um modelo de análise embasado na

origem social dos saberes e refere-se ao saber docente, abrangendo conhecimentos, competências, habilidades e atitudes.

A perspectiva de Tardif (2010) é a de situar os saberes dos professores na interface entre o individual e o social, na tentativa de captar a natureza social desses saberes como um todo. Para cumprir esse intento, desenvolveu seu trabalho embasado em seis fios condutores: 1) saber e trabalho, em que defende a íntima relação do saber com o trabalho na escola e na sala de aula; 2) diversidade do saber, em que argumenta que o saber do professor é composto, plural, heterogêneo, por envolver, no exercício da ação docente, conhecimentos variados e de naturezas diferentes; 3) temporalidade do saber, uma vez que o saber é adquirido no contexto de uma história de vida; 4) a experiência de trabalho enquanto fundamento do saber, em que focaliza saberes oriundos da experiência do trabalho cotidiano; 5) saberes humanos a respeito de seres humanos, em que expressa a ideia de saber interativo, entre seres humanos; 6) saberes e formação de professores, fio decorrente dos anteriores, que considera os saberes dos professores e as realidades de seu trabalho.

O autor buscou analisar a natureza dos saberes docentes com o objetivo de construir uma epistemologia da prática profissional de professores e com a finalidade de revelar os saberes, compreender a natureza e o papel que desempenham no processo de trabalho docente. Sobre a epistemologia da prática, explica que “[...] no mundo do trabalho, o que distingue as profissões de outras ocupações é, em grande parte, a natureza dos conhecimentos que estão em jogo [...]” (TARDIF, 2010, p. 6).

A finalidade da epistemologia da prática é revelar esses saberes, compreender como são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais, compreender como os profissionais incorporam, produzem, utilizam, aplicam e os transformam em função dos seus limites e recursos. Sustenta que é preciso estudar o conjunto dos saberes mobilizados e utilizados pelos professores em todas as suas tarefas.

Define saber docente como “[...] um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais [...]” (TARDIF, 1991, p. 218; TARDIF 2010, p. 36).

Para Tardif (2010), “[...] o professor é um profissional dotado de razão cujos saberes são regidos por certas exigências de racionalidade que lhe permitem emitir juízos diante das condições contingentes de seu trabalho [...]” (p. 217). A docência é compreendida pelo autor como uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu objeto, o ser humano, por meio da interação humana.

A proposta de Tardif (2010, p. 224) está enraizada nas práticas cotidianas, racionalidade aberta, contingente, instável, alimentada por saberes lacunares, humanos, baseados na vivência, na experiência, na vida e é por isso que os saberes experienciais têm especial destaque nas discussões do autor, que os explica como saberes oriundos da prática e por ela validados.

A maneira de conceber os saberes da experiência, segundo Tardif (2009), origina questões importantes para todo programa de formação de professores, na medida em que representa a referência mais segura para garantir a competência pedagógica dos futuros professores. É por isso que, para o autor,

[...] a fase de inserção dos jovens docentes é cada vez mais considerada como sendo ainda uma etapa de formação e de aprendizado do saber da experiência, que exige medidas particulares de apoio e de acompanhamento: classes mais fáceis, cargas reduzidas de trabalho, ajuda de um mentor, parceria do docente novato com um docente experiente [...] (TARDIF, 2009, p. 26).

Alerta para o fato de que, nos últimos 30 anos, o movimento de profissionalização do ensino consistiu numa redescoberta da importância da prática profissional como fonte do saber da experiência, “[...] saber esse considerado como fundamento da competência profissional [...]” do professor (TARDIF, 2009, p. 26). É nessa perspectiva que defende a formação prática, por meio

de dispositivos e ferramentas ligados ao que poderia ser denominado de aprendizado experiencial do ensino. Nesse sentido, é preciso, na formação inicial de professores, ter como âncora a prática profissional, e não somente os conhecimentos disciplinares, pedagógicos ou didáticos. Não se trata de negar a importância desses saberes, mas de colocá-los a serviço do aprendizado da prática profissional e de aquisição do saber da experiência, alerta Tardif.

Ao longo de seus estudos sobre o que sabem os professores, Tardif (2009) constatou que, quando são interrogados a respeito dos saberes que mobilizam, os professores falam mais sobre o que fazem no seu trabalho do que sobre o que sabem sobre seu trabalho. Explica que parece ser mais fecundo abordar com os docentes as questões precedentes ligadas “[...] à sua carreira e à sua experiência do ofício do que num quadro analítico de categorias abstratas [...]” (p. 28). Esse foi o caminho que ele seguiu como pesquisador.

Investigar saberes do ponto de vista dos professores não é tarefa fácil. Tardif (2009) constatou que os professores relatam aspectos que têm uma relação direta com seu trabalho, que correspondem pouco aos conhecimentos teóricos aprendidos na formação inicial ou produzidos pela pesquisa em educação. A experiência do trabalho é a fonte privilegiada de seus conhecimentos e competências profissionais.

Tardif (2009) afirma que a experiência do trabalho docente é extremamente formadora. A experiência é a fonte pessoal primeira de produção do saber do professor e de validação da sua competência. Nesse sentido, o aprendizado pela experiência, na visão do autor, abrange três processos: 1) um processo de tentativas e erros, de titubeios e de ajustes progressivos aos fatos e situações; 2) acontece num contexto de interações humanas, com sujeitos com os quais se deve entrar em contato; 3) a experiência do trabalho docente possui dimensões que podem ser chamadas de identitárias, que marcam sua identidade profissional, como a experiência de sobrevivência em classe no início de sua carreira

como docente, os limites de seu ofício e de sua própria pessoa que, apesar de sua vontade, descobre sua impotência em ajudar alguns alunos.

Quando se levam em conta as contribuições de Tardif, pode-se pensar a respeito de uma formação que vá em direção de preparar os estudantes para uma formação que considere o saber da experiência e que articule os conhecimentos teóricos com os saberes experienciais.

Tardif parte do pressuposto de que é na ação que as coisas acontecem, que os professores produzem saberes e esses saberes emergem na prática profissional. Os professores mobilizam uma diversidade de saberes na sala de aula e esses estão relacionados à prática da profissão, à formação inicial, à interação com professores, alunos, enfim, advêm de diversas fontes, de acordo com a experiência de cada um. Nesse sentido, esses saberes se constituem como um amálgama de saberes específicos da profissão docente.

Como a formação inicial do professor é vista? Qual papel desempenham as instituições que atuam com a formação inicial do professor? Quais saberes vêm sendo trabalhados para melhorar a qualidade na formação inicial do professor? Como a universidade poderia promover o diálogo com a escola, espaço em que atuará o futuro professor?

A presente pesquisa apresenta os saberes que os alunos pesquisadores, professor regente e professor orientador julgam necessários para a atuação no Projeto Bolsa Alfabetização.

A abordagem da pesquisa foi qualitativa e teve o grupo de discussão e a entrevista semiestruturada como procedimentos de coleta de dados. Os grupos de discussão foram realizados com alunas pesquisadoras de três Instituições de Ensino Superior (IES) do estado de São Paulo. A entrevista semiestruturada foi utilizada com as professoras regentes de escolas públicas que receberam essas alunas pesquisadoras e com professoras da IES que orientaram essas alunas.

Os Saberes Necessários, do Ponto de Vista das Alunas Pesquisadoras

Ao explicitar sua participação no Projeto Bolsa Alfabetização, uma aluna pertencente à IES de grande porte disse que o Projeto ajuda a ver como a professora trabalha e a aprender a alfabetizar. Expressou-se da seguinte maneira:

A: [...] eu acho que a maioria aqui quer ficar no ensino público, na rede pública, então esse Projeto me ajuda a me preparar melhor [...]. Eu acho que pra mim, como futura profissional da área, vai ser muito importante pra ajudar a ver como os professores trabalham, pegar algumas coisas daqui, outras dali, juntar tudo e ajudar os alunos a se alfabetizarem melhor, a conseguirem ler, escrever, e eu acho muito legal assim essa coisa do aluno de Pedagogia ter esse contato com a sala aula, não ficar só no teórico também, ter um trabalho prático [...]. (AP grande porte)

Para essa aluna, a permanência na sala de aula da rede pública estadual, ao longo do ano letivo, pode indicar alguns caminhos para sua atuação como professora, principalmente no que diz respeito à alfabetização e à articulação entre a prática e a teoria.

Para duas alunas do grupo de discussão pertencente à IES de pequeno porte, saber alfabetizar foi considerado importante para sua atuação como futuras professoras. Para elas:

Li: [...] Assim, além da troca que as meninas falaram, eu achei que foi a questão da alfabetização, eu me apaixonei por essa questão, poder estar na sala de aula todo o dia, acompanhando o desenvolvimento das crianças, as crianças com dificuldade, no finalzinho do ano agora a gente pode mais, trabalhar com essas crianças e ver avançar, ver pedindo ajuda, socorro, então isso é o que me motivou todo o dia estar com elas [...]. (AP pequeno porte)

Lu: [...] O trabalho na sala de aula, eu descobri que eu quero alfabetizar com certeza, por causa do Projeto, e esse ano eu consegui trabalhar mais, ficar mais ativa na sala de aula, porque a gente

não tinha a prática, a gente estava ainda lidando com aquela professora que está nos aceitando, com os alunos, então eu trabalhei com eles, mas não tão efetivamente como eu trabalhei esse ano, consegui estar mais próxima das atividades por ser o segundo ano, por já conhecer o Guia, saber como aquela atividade tem que ser desenvolvida, então a gente percebe que o tempo vai dando uma facilidade no trabalho, uma leveza que a gente não tinha quando a gente entrou. (AP pequeno porte)

A aluna a seguir, pertencente à IES de grande porte, destaca a possibilidade de relacionar teoria e prática. Além disso, ressalta a importância da convivência com a criança no dia a dia da sala de aula na rede pública estadual. Ainda para essa aluna, estar na rede pública estadual pode ajudar em seu preparo, para que possa prestar concurso futuramente. Veja-se:

N: [...] é importante, porque a experiência do dia a dia na convivência com o aluno... é isso, vai ser de fundamental importância pra nossa experiência futura, se vier a trabalhar no Estado; é uma preparação pro concurso, porque a gente vai vendo o sistema, no meu ponto de vista, e tem essa relação, é... na faculdade a teoria você vai pensar, você vai lembrar o que está acontecendo na sala de aula, então isso é importante também [...]. (AP grande porte)

Saber ler e escrever, ver como o aluno aprende ao longo do ano letivo, entender como funciona o sistema de ensino estadual, saber preencher documentos, como é o dia a dia do professor emergem para a aluna a seguir como saberes necessários para sua participação no Projeto Bolsa Alfabetização.

Os saberes destacados por essas alunas pesquisadoras para atuar na rede pública estadual são aspectos importantes quando se trata de se preparar profissionalmente. Ao tratar de explicitar o que sua participação no Projeto Bolsa Alfabetização pode significar para sua formação, o grupo de alunas pertencentes à IES de médio porte referiu-se aos saberes da psicologia da criança. Para esse grupo, a participação no Projeto possibilitou ter um olhar para a

aprendizagem da criança, ajudou a saber como lidar com a criança, saber o que fazer em sala de aula. Mostrou a importância de estabelecer uma relação com a professora regente e como lidar com o apoio da professora orientadora. Veja-se o depoimento a seguir:

A1: Pensando no futuro? Bom, esse ano é o segundo ano que eu estou no *Bolsa* e, no primeiro ano, como eu já tinha dito, foi numa sala bem tranquila, esse segundo ano eu estou numa sala assim, bem agitada e eu fiquei feliz por ter entrado nessa sala, porque a realidade hoje em dia não é como do primeiro ano, com crianças tranquilas e boazinhas, e que você fala “*Senta aí*” e elas sentam? Não! São crianças realmente que deixam a gente de cabelo em pé. Então toda essa experiência eu vou levar comigo. (AP médio porte)

As falas dessas alunas evidenciam a importância de discussões, na formação inicial, de saberes didáticos. Pode-se considerar que os futuros professores podem elaborar seus saberes nas várias instâncias formativas, nesse caso, na articulação entre a formação no ensino superior e na sua atuação prática no dia a dia da sala de aula.

Os Saberes Necessários, do Ponto de Vista das Professoras Regentes

Solicitou-se às professoras regentes que falassem sobre suas impressões a respeito da docência na sala de alfabetização, sobre os saberes que julgavam necessários para ser alfabetizadora.

Ao falar sobre a docência na sala de alfabetização, as professoras regentes vinculadas à IES de médio porte disseram que foi importante aprender a fazer sondagem e aprimorar as aulas no dia a dia. Para elas:

As primeiras aprendizagens nesse Projeto foi como classificar os alunos em hipóteses de acordo como estão, por exemplo: pré-silábico, silábico com valor, silábico sem valor, silábico-alfabético e alfabético. Aprendi a valorizar mais o pouco que o aluno

faz quando ele está na fase silábico sem valor, esse é o pouco e à medida que ele vai passando de uma hipótese para a outra é mais gratificante. (PR1 médio porte)

Minhas principais aprendizagens no Projeto é que numa sala com diferentes níveis de aprendizagem dos alunos, esse Projeto só veio para somar, pois nós titulares da sala aprimoramos nossas aulas a cada dia e temos a ajuda das alunas pesquisadoras. O que acrescentou de novo é que desde o início do Projeto vi nessas meninas um caminho para darmos uma atenção individualizada aos que encontram maior dificuldade para a aprendizagem, e também como um estágio presencial e participativo na sala de aula. (PR2 médio porte)

A sondagem é um dos recursos de que o professor dispõe para conhecer as hipóteses que os alunos não alfabetizados possuem sobre o sistema de escrita de um modo geral (ARATANGY e VASCONCELOS, 2012). Para a professora 1, aprender a fazer a sondagem com seus alunos na sala de aula, ao longo do ano letivo, ajudou a alfabetização.

Para a professora 2, o que fica evidente, em relação às suas aprendizagens, é poder contar com o apoio da aluna pesquisadora no sentido de poder dar atenção individualizada aos alunos com dificuldade de aprendizagem, ou seja, poder criar as condições necessárias para conseguir a aprendizagem desses alunos.

Saber planejar foi outra aprendizagem que o Projeto proporcionou para essas professoras regentes da IES de pequeno porte. Uma delas disse que:

Nós temos o planejamento, nós temos a rotina, nós temos o conteúdo a ser passado, e a gente tem um script, mas na realidade isso só vai se tornar válido depois que você conhece realmente a criança, então aí, vai entrar todo o script, que você tem de acordo com o momento certo, aquilo que cada criança está trazendo, aquilo que você pode inserir, se todas estão mais ou menos com a mesma base, que fazer pra ir adiantando aquelas que não chegaram ainda no mesmo ponto, então tudo é aquela velha his-

tória, se faz o planejamento no início do ano, mas o negócio vai pegar fogo mesmo depois da primeira semana de aula. Depois da primeira semana de aula, você vai começar a rever esse planejamento que foi feito antes de você conhecer as crianças, aí que nós vamos fazer o encaixes naquilo que vai ser necessário ou não, senão não tem condições mesmo... (PR3 pequeno porte)

O depoimento da professora 2 defende o planejamento como ponto importante de sua atuação ao longo do ano letivo. Para ela, planejar é importante, mas é preciso rever o processo de ensino a partir do momento que se conhecem os alunos com quem irá trabalhar.

Os Saberes Necessários, do Ponto de Vista das Professoras Orientadoras

Ao entrevistar as professoras orientadoras, buscou-se identificar o que elas consideravam saberes necessários para a participação no Projeto Bolsa Alfabetização, quais conhecimentos, habilidades e atitudes consideravam importantes para sua atuação como orientadora.

Ao falar sobre os saberes que julgava necessários para orientar as alunas pesquisadoras, a professora da IES de grande porte explicou que os princípios da concepção construtivista são fundamentais para a atuação da aluna pesquisadora. A professora orientadora 2 assim se manifestou:

[...] eu concordo totalmente com Emília Ferreiro, defendo, trabalho, mostro pras alunas, mas eu também acho e continuo defendendo que não tem como a gente fugir de mostrar pra essas alunas o sistema de escrita, como conhecimento pra elas. Depois, quando a gente chega na metodologia, elas vão perceber como é que é pra analisar, pra fazer uma sondagem, pra analisar o processo, elas precisam daqueles conhecimentos do sistema relação som e letra, né, mas como conhecimento pra elas [...]. (PO2 grande porte)

As professoras orientadoras 1 e 2, pertencentes à IES de grande porte, disseram ainda que é importante ter conhecimentos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem. Para elas:

Tem que ter um conhecimento de concepção de ensino e aprendizagem; são elas que vão depois subsidiar a discussão toda da alfabetização. Eu acho que nesse aspecto a didática entra desde o 1º semestre, é um dos temas que nós discutimos. Também tem que ter um olhar da importância dessa relação mais próxima com a escola pública, de como esse conhecimento prático se constitui. Quando a gente pensa nessa construção, do conhecimento prático, a gente já começa discutir desde o 1º semestre as possíveis relações entre conhecimento teórico e conhecimento prático, acho que são aspectos importantes nesse momento... No início da formação, a <professora 2> é uma professora que, sempre no início, fala da importância dos registros, no início da formação... (PO1 grande porte)

A gente insiste muito e agora também da minha área, eu acho que também tem que ter um conhecimento de língua, porque eu insisto muito, é uma coisa que eu bato muito com elas... Porque como é que você vai, por exemplo, conseguir acompanhar a escrita de uma criança e da forma como ela está pensando, se a gente for seguir esse processo, se você não tem um bom conhecimento do funcionamento do nosso sistema da língua é difícil... Olha, eu passo um semestre, no 3º semestre, discutindo isso e elas mesmas falam “*Professora, eu nunca imaginei*”... E eu sempre fico insistindo assim, “*Você está aprendendo isso pra quê?*”, pra ela tentar estabelecer uma relação, pra depois ela poder fazer as intervenções adequadas metodologicamente, então eu também acho que esse professor orientador, além de articular, eu acho que por isso que o programa também prevê que o professor orientador seja o professor que está ligado à didática ou à metodologia de alfabetização, e quando... eu acho que quando tem essa base de funcionamento da língua, do sistema da língua, contribui bastante para os alunos. (PO2 grande porte)

Esses depoimentos revelam a preocupação das professoras com o papel que representam os conteúdos trabalhados desde o

primeiro semestre do curso na IES. Para a professora 1, deve-se discutir as relações entre conhecimento teórico e prático. Para a professora 2, é preciso ter conhecimento da língua, do sistema da língua e, sendo assim, ter presente a linguagem como atividade social e, nesse sentido, admiti-la como objeto básico e privilegiado para se chegar a conhecer a prática social.

A professora orientadora da IES de pequeno porte também se referiu aos saberes didáticos, à concepção de aprendizagem do Projeto, compreender como trabalhar com as estratégias de apoio ao professor regente e como trabalhar com os saberes envolvidos na consecução da investigação didática que deve ser realizada pelo aluno pesquisador. Para essa professora:

Quando entramos no Projeto, temos claro que devemos realizar as orientações com as alunas pesquisadoras toda semana por duas horas. É preciso então que tenhamos muito claro que a concepção que rege o Projeto é a concepção construtivista de ensino e aprendizagem... [...] Para que o aluno pesquisador consiga realizar a investigação didática, utilizamos como referencial teórico para discussão o material do Projeto, o Guia Laranja e também textos de Delia Lerner; usamos bastante o livro *Ler e Escrever na Escola*, esse livro, eu digo para as alunas pesquisadoras, deve fazer parte da vida delas... As alunas pesquisadoras aceitaram o desafio... fizemos a leitura coletiva de uma pequena parte do documento e a organização da atividade na escola... Elas filmaram, ficou super bom... Eu fiquei bem emocionada [...]. (PO pequeno porte)

Esse depoimento é revelador dos saberes didáticos que o professor orientador deve ter. Estudar a legislação, ter conhecimento da concepção do Projeto e organizar as estratégias para orientar as alunas nos encontros semanais são saberes importantes para o andamento das orientações ao longo do ano letivo.

No Regulamento do Projeto, os conhecimentos didáticos referem-se:

Ao Ambiente alfabetizador; ao papel do conhecimento didático no planejamento do professor; ao planejamento de estratégias de apoio ao professor regente; às intervenções didáticas; ao planejamento de estratégias de apoio ao aluno; conhecimento das intervenções pedagógicas junto aos alunos que não avançam ou que avançam pouco em suas aprendizagens; condições e orientações didáticas para a organização e manutenção de uma rotina de leitura e de escrita; leitura feita pelo professor; produção oral com destino escrito; cópia e ditado (ressignificação da cópia) (SÃO PAULO, REGULAMENTO, 2013, p. 19).

Para a professora orientadora da IES de médio porte, seu papel também é o de ensinar a refletir, fazer com que as alunas pesquisadoras consigam compreender como elaborar os registros de sua ação na sala de aula.

Então... é um papel assim de grande responsabilidade, porque a gente vê que elas trazem grandes anseios de tudo o que elas veem lá na sala de aula, elas querem respostas muito rápidas, a gente tenta... como é que vamos fazer, então ... O ano passado [2013], eu observei que elas tinham muita dificuldade no relato, em colocar mesmo no papel essa reflexão da prática, de como foi a atuação delas na sala de aula... No final do ano, assim que eu assumi definitivamente, nós começamos a fazer esse exercício, de como que são esses registros, que contribuições eles podem trazer pra pesquisa e aí, nós começamos a fazer uma análise dos registros no coletivo e, por fim, elas mesmas foram percebendo que precisavam melhorar esses registros e que precisavam ver que esse registro que está a serviço da pesquisa, então, eu pretendo seguir nessa linha com elas, porque foi uma dificuldade assim, que eu detectei, mas que elas já vinham trabalhando de uma certa forma, sempre só pontuando o que viram, era como se fossem tópicos... pontuavam, pontuavam, pontuavam, mas faltava ali o registro reflexivo sobre o que elas vivenciaram na sala de aula [...] (PO médio porte)

Em linhas gerais, pode-se dizer que os saberes considerados necessários pelas professoras orientadoras pertencentes às IES

de grande, médio e pequeno porte foram os saberes relacionados à concepção construtivista de alfabetização, que é a concepção do Projeto Bolsa Alfabetização, assim como os saberes ligados a orientação, o que implica reconhecer que a formação inicial de professores pode ser estruturada para elevar a qualidade do ensino e para melhorar a formação intelectual dos futuros professores.

Considerações Finais

As alunas pesquisadoras, ao apontarem os saberes necessários para atuar no Projeto Bolsa Alfabetização, mencionaram: conhecer a escola pública, acompanhar a aprendizagem da criança no dia a dia.

Quando apontaram como necessário saber se relacionar com o outro, saber alfabetizar, poder ter experiência, saber relacionar os conhecimentos didáticos com a prática, disseram que estar no dia a dia da sala de aula, junto com a professora regente, foi fundamental, porque puderam vivenciar o cotidiano da sala de aula do ponto de vista do outro.

Como explicam Tardif (2010) e Borges (2004), pode-se identificar uma diversidade de saberes advindos do depoimento desse grupo de alunas pesquisadoras. Em sua ação cotidiana, as alunas mobilizaram uma pluralidade de saberes de natureza diversa. Recorreram ao saber fazer pessoal, falaram de saberes transmitidos pela formação inicial, ou seja, incorporaram saberes sociais definidos e selecionados pela IES, que correspondem aos diversos campos do conhecimento, como também mencionaram saberes postos pela interação na sala de aula, junto com a professora regente.

Quando se analisam os depoimentos das *professoras regentes* em relação ao que consideraram como saberes necessários para atuar como professora alfabetizadora, percebe-se que as professoras vinculadas às IES de médio e pequeno porte apontaram: saberes sobre alfabetização; saberes didáticos; e saber agir, apoiar.

Para essas professoras, trabalhar com alfabetização significou aprender, ou reaprender, a fazer a sondagem das hipóteses de leitura e escrita das crianças. Isso implicou ter conhecimento didático, saber utilizar o material didático do Projeto, saber planejar e saber agir.

As *professoras orientadoras* indicaram que os saberes necessários para participar do Projeto Bolsa Alfabetização foram: conhecer os princípios da concepção construtivista de alfabetização; saberes didáticos – saber o conceito de investigação didática; saber ensinar – apresentar os conteúdos; saberes da experiência profissional; saberes relacionais e saber orientar.

O depoimento das professoras orientadoras é revelador de que os saberes necessários para conduzir as ações formativas com as alunas pesquisadoras devem levar em consideração a articulação entre os saberes veiculados na universidade e os saberes mobilizados no dia a dia da sala de aula.

Compreende-se, por tudo o que foi ouvido dos participantes desta pesquisa, que ela corrobora com a perspectiva de Tardif (2009, 2010), que situa o saber do professor na interface entre o individual e o social e defende que os professores são sujeitos do conhecimento e possuem saberes específicos ao seu ofício.

Pode-se dizer que o Projeto Bolsa Alfabetização é valorizado pelos participantes desta pesquisa, visto que os depoimentos são positivos em sua maioria. Esses depoimentos indicam que aprimoramentos devem ser implementados, no sentido de melhoria na formação inicial de professores. Pelos dados analisados, o Projeto Bolsa Alfabetização é de grande efetividade, no que se refere à formação inicial de professores.

Bibliografia

ARATANGY, Claudia R.; VASCONCELOS, Rosalina S. R. de. *Ler e Escrever: guia de planejamento e orientações didáticas: professor alfabetizador 2º ano*. São Paulo: FDE, 2012.

- BORGES, Cecília *O Professor da Educação Básica e seus Saberes profissionais*. Araraquara: JM editora, 2004.
- NOVOA, António. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009
- SÃO PAULO. Decreto n. 51.627, de 1º de março de 2007. Institui o Programa Bolsa Formação – Escola Pública-Universidade. Diário Oficial do Estado. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2007.
- SÃO PAULO. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Projeto Bolsa Escola Pública e Universidade na Alfabetização. *Regulamento*, 2012.
- SÃO PAULO. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Projeto Bolsa Escola Pública e Universidade na Alfabetização. *Regulamento*, 2013.
- TARDIF, Maurice. O Que é o Saber da Experiência no Ensino? In: ENS, Romilda A., Ramos, Dilmeire S., BEHRENS, Marilda A. *Trabalho do Professor e Saberes Docentes*. Curitiba: Vhampagnat (Coleção Educação: teoria e prática; 10), 2009.
- TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. *Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente*, Teoria e Educação, n.4, p. 215-233, 1991.
- VAILLANT, Denise; MARCELO, Carlos. *Ensinando a Ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem*. Curitiba: Ed. UTFPR, 2012.